

## A Vizinha Espanha

por Mário Soares

Este artigo, escrito em 11 de Abril, chegará aos eventuais leitores quando a visita do primeiro ministro, José Sócrates, a Madrid, se terá já realizado, esperando eu que tenha sido um êxito.

Realmente, para Portugal, as relações, sem complexos, com a nossa vizinha Espanha são, como disse Sócrates, em entrevista ao El País, uma verdadeira prioridade. Sempre assim o entendi, desde que há democracia, nos dois Estados ibéricos e, sobretudo, desde que somos parceiros na União Europeia, com interesses convergentes na Ibero-América. Uma Península com um relacionamento íntimo e fraterno dos seus dois Estados, baseado na reciprocidade de interesses, na igualdade, numa certa proximidade de culturas, de desígnios e até de línguas bem como num mercado ibérico integrado, como começa a ser, mas solidário e justo - portanto útil para ambos os lados - só pode reforçar as nossas respectivas posições e potencialidades na União Europeia, no Atlântico, no Mediterrâneo e na Ibero-América, criando uma Península sem fissuras nem ressentimentos, alicerçada no bem estar das suas populações, sem excessivas desigualdades.

Sou do tempo em que Portugal vivia de costas voltadas para Espanha - o nosso "inimigo histórico" - e em que, na escola primária, se apontava para Aljubarrota como o símbolo máximo da nossa resistência a Castela, ilegitimamente, confundida com Espanha. Salazar, amigo de Franco, por razões ideológicas e religiosas, mas desconfiado de Espanha, como sempre foi, cometeu o erro irreparável de apoiar a fundo a "cruzada nacionalista", onde se espalhava o centralismo imperialista de Madrid, em primeiro lugar, contra a República espanhola, que reconhecera as nacionalidades e aprofundara a democracia.

Durante o tempo da II República de Espanha (1931-1936) as relações com o Portugal salazarista foram péssimas. Salazar praticamente ignorou o embaixador da República em Lisboa, o notável historiador Claudio Sanchez Albornoz, que nos daria esses dois interessantíssimos volumes "Espanha, um enigma histórico", bem como, seguramente, nunca leu outro clássico dessa época, Américo de Castro, que escreveu: "España en su historia", onde se fala dessa "terra de cristianos, moros e judios"... Se os tivesse lido, certamente teria compreendido que o interesse de Portugal era ter um vizinho tolerante, democrático e aberto às nacionalidades e não uma Espanha ditatorial, ultra-centralizadora e agressiva.

Em grande parte da minha vida consciente ignorei a Espanha oficial. Mas não a Espanha da "guerra civil", que vivi apaixonadamente, nem a da resistência ao franquismo, interna e externa, com cujos representantes principais contactei em Espanha, no México e em Paris, pelo menos desde os anos sessenta.

Sempre fui, no entanto, um admirador do génio dos povos de Espanha que produziu, ao longo dos séculos, tantas manifestações sublimes na literatura, nas artes plásticas, na música, na ciência, na política (ainda que em menor escala) e na mística. Mas o reconhecimento dessa funda admiração nunca me suscitou complexos. Pelo contrário, reforçou o meu orgulho de ser português: um Estado nação que soube construir, vai para nove séculos, as suas fortíssimas identidade e independência.

Hoje os tempos mudaram. A "Revolução dos Cravos" e, depois, a "transição democrática pacífica em Espanha" - duas experiências políticas de excepcional originalidade e de enormes consequências - dotaram os dois países ibéricos de democracias sólidas, integradas desde 1986 na União Europeia - um projecto voluntário de paz, de bem estar para as populações e de justiça social, construído na igualdade e na solidariedade, partilhado entre todos os Estados que a compõem.

Lembro-me de que, quando era, salvo erro, primeiro ministro, estávamos a organizar uma das primeiras viagens do Rei D. Juan Carlos a Portugal e este me telefonou, perguntando-me no seu estilo directo e coloquial: "Achas que seria bem visto que fizesse uma visita à Batalha num acto simbólico para demonstrar que Aljubarrota não nos deixou rancores?" Respondi-lhe de imediato:

"Vindo da sua parte, Majestade, nada nos poderia dar mais prazer e honra". E assim se fez, sem o menor incidente e com manifestação de grande simpatia pela parte da população.

É óbvio que as mudanças políticas, em democracia, não devem influenciar as relações de Estado a Estado. Porque a alternância democrática é de regra. Curiosamente, nos dois Estados peninsulares houve sempre, depois das transições, governos conservadores, de um lado e socialistas de outro, ou a inversa. Com a exceção, que me lembro, do IX Governo Constitucional português, que presidi, em 1983-85, quando Felipe Gonzalez era presidente do Governo de Espanha. Mas nem por isso as nossas relações se alteraram, embora houvesse, naturalmente, maior fraternidade e as relações pessoais facilitassem bastante.

Voltou a dar-se essa coincidência agora com a vitória socialista, arrasadora para a oposição de Direita, de José Sócrates, praticamente um ano depois de se ter constituído o Governo de José Luis Rodriguez Zapatero e do PSOE. É, por isso, muito significativo que Sócrates tenha resolvido fazer a sua primeira viagem ao estrangeiro, a Espanha e respondido, quando lhe perguntaram qual a prioridade da sua política externa: "Espanha, Espanha, Espanha". E acrescentou: "mas, naturalmente, que um bom relacionamento pessoal e de confiança mútua com José Luis Zapatero - como existe - facilita muito". Mas não se esqueceu de sublinhar que "o equilíbrio comercial entre os dois países é fundamental para ambos". Porque numa economia aberta - como é a regra da União Europeia - o proteccionismo, mesmo escondido ou negado, não se justifica e é mesmo condenável. "Portugal - disse - tem, portanto, de fazer um enorme esforço para aumentar a presença das suas empresas em Espanha."

Zapatero, no seu primeiro ano de Governo, impôs-se à opinião pública espanhola e mundial. A retirada imediata das tropas espanholas do Iraque foi um gesto que lhe trouxe o reconhecimento do mundo árabe e de todos quantos, nessa linha divisora de águas, que foi a guerra contra o Iraque, estiveram do lado da paz, do Direito Internacional e do multilateralismo. A Europa abriu-lhe a porta dos "grandes", admitindo-o numa Cimeira a Quatro, ao lado de Chirac, Schröder e Putin. Mas não só a Europa. Quando visitou a Venezuela, o Presidente Lula juntou-se a Hugo Chavez para o receber como um companheiro e um amigo. Foram gestos significativos do prestígio de que hoje goza Zapatero. Não é de estranhar, assim, que Bush lhe siga os passos, com alguma suspeição e que, até agora, lhe tenha fechado as portas da Casa Branca...

No plano interno Zapatero tem procurado ser o homem do diálogo e da tolerância, contra o terrorismo e a violência. A ETA, espera-se, está a caminho de renunciar à força das armas, visto que a política de abertura às nacionalidades históricas que tem vindo a ser praticada, por Zapatero, retira qualquer razão ao recurso à violência.

Em matéria social, tem dado igualmente passos muito claros para reduzir o desemprego e minorar a pobreza. Bem como nas grandes questões chamadas de sociedade, como a despenalização do aborto e os casamentos "gays"! A Igreja espanhola reagiu, mas a eleição do bispo de Bilbao, Ricardo Blázquez, para presidente do Conselho Episcopal, veio acalmar as tensões e abrir o caminho a um diálogo mais fecundo.

Zapatero pertence a uma família republicana de esquerda. O seu avô, militar de carreira, leal ao Governo legítimo, foi fuzilado às ordens de Franco. O neto, apesar de tolerante, aberto, extremamente simpático e com uma formação humanista sólida, não pode esquecer a tragédia que foi a Guerra de Espanha e quer que a Espanha seja uma terra de liberdade, de progresso social e de justiça, onde as pessoas se entendem falando cordatamente, umas com as outras, ainda que partindo de posições muito diversas.

A aproximação entre Zapatero e Sócrates é de bom augúrio. O clima que importa gerar na Península é que esta se transforme num factor de paz, de bom entendimento e de progresso. As utopias não morreram. O que é importante é sabê-las fundamentar, com realismo. Espero - e desejo - que a visita de Sócrates a Espanha represente um grande passo nesse sentido.

Lisboa, 14 de Abril de 2005